



Vivências sociotécnicas ARÁ: da serra ao mar, saúde e agroecologia não podem faltar

ARÁ sociotechnical experiences: from the mountains to the sea, health and agroecology cannot be missing

RIBEIRO, Marcelle Felipe¹; MATTOS, Claudemar²; ALMEIDA, Angélica Patrícia de³; BURIGO, André Campos⁴; SOUZA, Natalia⁵; LOPES, Helena⁶

¹ Fiocruz, marcelle.felippe@fiocruz.br; ²Fiocruz, claudemar.mattos@fiocruz.br, ³Fiocruz, angelica.almeida@fiocruz.br; ⁴Fiocruz, andre.burigo@fiocruz.br; ⁵Fiocruz, natalia.almeida@fiocruz.br; ⁶Fiocruz, helena.lopes@fiocruz.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: Este trabalho apresenta a experiência das vivências sociotécnicas realizadas no âmbito do projeto Ará em três regiões do estado do Rio de Janeiro e em Ubatuba, São Paulo. Visando à integração, construção de convergências e sinergias de ações, esta metodologia permitiu o trabalho em rede, articulando diferentes programas territoriais da Fundação Oswaldo Cruz, Embrapa e diversas organizações sociais que protagonizam a fortalecimento da agroecologia, da pesca artesanal e da economia solidária nas comunidades rurais e urbanas envolvidos. Coordenado pela Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS), o projeto ARÁ é resultado do esforço conjunto do Fórum Itaboraí (Petrópolis e entorno), Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina - OTSS (Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba) e o Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica - PDCFMA. O objetivo central da iniciativa é a promoção do desenvolvimento sustentável e a promoção da saúde em grupos populacionais de agricultura familiar e povos e comunidades tradicionais em situação de vulnerabilização socioambiental histórica, por meio de ações que articulem a incorporação de tecnologias sociais com geração de trabalho e renda, inclusão social, organização comunitária e segurança alimentar e nutricional através do fortalecimento da ação coletiva em redes. As vivências sociotécnicas resultaram em ampliação e fortalecimento das parcerias, tanto no âmbito intra e interinstitucional, bem como com as comunidades.

Palavras-chave: intercâmbio; parceria; pesca artesanal; comunidades tradicionais.

Contexto

O projeto Ará¹ é uma iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) que visa fortalecer a promoção da saúde e da agroecologia em diferentes territórios do Rio de Janeiro e São Paulo. Coordenado pela Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS), por meio da Agenda de Saúde e Agroecologia, o Ará envolve três programas institucionais: o Fórum Itaboraí: Política, Ciência e Cultura na Saúde, o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina e o Programa de Desenvolvimento do Campus Fiocruz Mata Atlântica.

¹O nome ARÁ foi escolhido durante uma das ações de criação da identidade do projeto. Além do sentido de prepARAr e cuidar da terra, no Guarani Ará quer dizer o tempo. Ára pyau quer dizer tempo novo. Ará também é onde fica o tempo. Tempo de plantar, tempo de colher, tempo de capinar. E em Yorubá, para as comunidades de terreiro de nação Ketu, nós assentamos o corpo e o corpo em yorubá é Ará (FIOCRUZ, 2021).



São 38 comunidades participantes, abrangendo diretamente um público de 700 pessoas, entre as quais agricultoras e agricultores urbanos e rurais, quilombolas, indígenas e caiçaras de Petrópolis, da Zona Oeste do Rio de Janeiro, de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba.

A iniciativa busca promover ações que articulem a incorporação de tecnologias sociais com geração de trabalho e renda, organização comunitária, segurança alimentar e nutricional e fortalecimento da atuação coletiva em rede. Para isto, ancora-se nos trabalhos desenvolvidos pelos programas da Fiocruz, em diálogo com as comunidades e parcerias locais, e em um esforço de integração que engloba e potencializa a atuação do conjunto de atores dos diferentes territórios.

O trabalho de integração, coordenado pela Agenda de Saúde e Agroecologia, é orientado por cinco eixos: Governança e gestão compartilhada; Articulação Territorial; Sistematização, Saberes e intercâmbios; Comunicação e Ações de futuro.

Dentro do conjunto de atividades conduzidas no eixo de acompanhamento territorial, têm sido realizadas vivências sociotécnicas, metodologia de visita aos diferentes territórios de fortalecimento da agroecologia envolvidos no projeto. Têm sido buscados a aproximação entre as diferentes equipes da Fiocruz, comunidades e organizações sociais locais envolvidas no projeto, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e demais parceiros regionais; o aprofundamento das ações em curso e cronograma futuro de atividades dos projetos; sinergias e convergências entre os objetivos comuns dos projetos territoriais; a coleta de subsídios para a elaboração dos Planos de Trabalho no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica com a Embrapa e pactuar e alinhar ações futuras.

Este relato contextualiza esta experiência de construção de conhecimento e fortalecimento de redes territoriais de agricultura familiar e de povos e comunidades tradicionais de base agroecológica, apresentando resultados, aprendizados e desafios em curso.

Descrição da Experiência

Entre março de 2022 e maio de 2023, foram realizadas quatro vivências sociotécnicas: 1) A primeira delas aconteceu de março de 2022 em Paraty (RJ) e Ubatuba (SP), territórios de atuação do OTSS, enfocando experiências de agricultura protagonizadas por comunidades quilombolas, caiçaras e indígenas; 2) A segunda ocorreu em abril de 2022, na Zona Oeste do RJ, território de atuação da Fiocruz Mata Atlântica, enfocando as agriculturas urbana e periurbana na zona oeste do Rio; 3) A terceira ocorreu em junho e agosto, na região serrana fluminense, território de atuação da Fiocruz Petrópolis e abordou o tema da transição agroecológica; 4) a última ocorreu em maio de 2023, em Paraty e Ubatuba, enfocando a pesca artesanal.



Como metodologia comum de organização, foram realizadas reuniões preparatórias entre membros da Agenda de Saúde e Agroecologia, de cada programa territorial da Fiocruz que protagonizou a vivência, da Embrapa e de parceiros locais. Nestes ambientes, foi alinhado o entendimento coletivo sobre o objetivo e expectativas de cada ator com a atividade, bem como a programação e os públicos dos encontros. Também foram definidos encaminhamentos e socializado avanços necessários às diferentes frentes a serem cuidadas, tais como mobilização, alimentação, hospedagem, ciranda das crianças e toda infraestrutura, comunicação e registro.

As reuniões também foram oportunidade de estabelecer princípios norteadores, tais como: a ecologia de saberes, a primazia da experiência das comunidades e a postura de escuta generosa das equipes técnicas, atenção à diversidade de gênero, de raça e geracional, incentivo ao turismo de base comunitária e demais hospedagens solidárias, impulsionamento da geração de renda local, por meio da contratação de serviços do lugar, com ênfase para os empreendimentos protagonizados pelas mulheres, envolvendo a relação entre as pessoas para além da dimensão técnica, com vistas a formar redes de atuação nas mais diferentes dimensões. As visitas foram publicizadas por meio de matérias divulgadas no site da Fiocruz e relatórios disponibilizados na biblioteca pública² do Projeto Ará.

Na sequência, são brevemente descritas cada uma das visitas sociotécnicas:

Território da Bocaina

Visita aos roçados tradicionais quilombolas e indígenas: A vivência de três dias foi realizada em março de 2022, com a participação das equipes do OTSS, da Embrapa, da Agenda de Saúde e Agroecologia, das comunidades do Quilombo do Campinho, do Quilombo da Fazenda e da Aldeia Araponga. Os saberes e fazeres quilombolas e indígenas estiveram no centro das vivências, não só nas observações aos roçados, quintais produtivos e das dinâmicas associativas e econômicas comunitárias, mas também foram experimentadas e saboreadas ao longo dos dias, por meio de apresentações culturais e da culinária agroecológica local.

O Campinho da Independência, primeiro quilombo titulado na história do estado do Rio de Janeiro, foi o ponto de partida da atividade. Houve intenso protagonismo do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT) e do Núcleo Jovem. Entre as discussões e apontamentos suscitados nos diferentes ambientes de troca, destacaram-se: a necessidade de compreensão das metas e propostas do trabalho no território e pactuação das representações no Colegiado; Realização de nova visita, com foco na pesca artesanal; Fortalecimento das roças tradicionais e agroecológicas e dos fluxos de mercados, como vendas avulsas, nos restaurantes, mercados territoriais e nos restaurantes das comunidades; aproveitar momento de resgate da memória para construir rios do tempo da agroecologia e saúde nos territórios.

² <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1pUhzuYnEwT6vJMmujKIYMBrvbEvklml0>



Na sequência, houve visita aos sistemas sócio produtivos do Quilombo do Campinho, tendo sido conhecidas duas roças tradicionais combinadas a agroflorestas, responsáveis por grande parte do abastecimento do Restaurante do Quilombo; e à aldeia Araponga, na qual se pode vivenciar aspectos da cultura local manifestados no coral indígena, na feira de artesanatos, na alimentação, na caminhada aos espaços produtivos e ao sistema de tecnologia social de placas solares guiada por uma liderança jovem indígena .

Por fim, foi visitado o Quilombo da Fazenda, situado no Parque Estadual de Picinguaba, em Ubatuba (SP), no qual se pode conhecer, a partir de uma liderança jovem local, duas roças combinadas a agroflorestas. Na ocasião, foi reforçado que: na concepção do FCT a defesa da agricultura tradicional e da agroecologia passa pela defesa do território. Assegurar o direito de morar, de fazer roças, de pescar, estrutura o que vem depois.

Já a vivência sociotécnica a territórios pesqueiros focou a cadeia produtiva da pesca a partir da experiência das comunidades do Quilombo da Fazenda e Almada, em Ubatuba (SP), e de Trindade, Paraty (RJ). O encontro buscou aproximar coletivos informais e instituições públicas de pesquisa, extensão e assistência técnica que possuem interface com a atividade, a fim de criar uma rede sociotécnica que contribua para a valorização sociocultural da produção artesanal dos pescados marinhos.

Em um processo de escuta ativa e imersão nas comunidades, a vivência permitiu identificar desafios e potencialidades que estão colocados na pré-captura, captura e sobretudo na pós-captura do pescado, a exemplo do desejo de construção de uma unidade de beneficiamento e processamento adequada à pequena escala de produção e que amplie as possibilidades de agregação de valor e a geração de trabalho e renda nas comunidades.

Além da estrutura de beneficiamento, foi enfatizado que é preciso avançar em vários aspectos como a adequação sanitária; o acesso às políticas públicas de comercialização, a exemplo da venda para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA); formações em temas como boas práticas, manipulação e fabricação do pescado; a gestão comunitária de empreendimentos; bem como a regularização fundiária dos espaços e a criação e acesso a linhas de créditos para estruturação das unidades. Além disso, têm sido pensados a criação de um selo específico que ateste a qualidade do pescado artesanal e o estabelecimento de um consórcio intermunicipal que responda ao desafio de circulação do produto nas fronteiras de Paraty e Ubatuba, tendo em vista as diferentes competências de fiscalização nas esferas municipais, estaduais e federais.



Território do Maciço da Pedra Branca

A **vivência sociotécnica realizada no território de atuação da Fiocruz Mata Atlântica**, que é extenso e estratégico para a agricultura urbana e conservação ambiental, Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), o encontro contou com a participação de colaboradoras e colaboradores da VPAAPS e da Fiocruz Mata Atlântica, da Embrapa, da associação AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia e da Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU).

A atividade também envolveu agricultoras/es, quilombolas e organizações sociais locais, bem como parceiros que historicamente atuam na região na produção sustentável, promoção da soberania e segurança alimentar e nutricional das famílias, da agricultura urbana agroecológica e de processos justos de comercialização.

Foram apresentados projetos que dialogam e interagem com as iniciativas do PEPB e fortalecem as articulações do Projeto Ará. Dois quintais produtivos da Colônia, o quintal produtivo do Quilombo Cafundá Astrogilda e o projeto da Casa de Sementes FMA foram visitados. Também foi realizada uma reunião ampla na Associação dos Moradores da Vargem Grande (AMAVAG) sobre as potencialidades e dificuldades presentes no cotidiano de trabalho com a terra, assim como sobre a importância da atuação das/os jovens no planejamento e execução das atividades da agroecologia, estratégia de trabalho que vem sendo desenvolvida e priorizada pela FMA.

Para consolidar os aprendizados do encontro, planejar os próximos passos e encontros, foi realizada uma dinâmica final de diálogo entre a equipe.

Território da região serrana fluminense

A partir da **realidade vivenciada nos territórios do Bonfim e Brejal**, de atuação do Fórum Itaboraí, foram realizados dois seminários sobre “transição agroecológica” entre junho e agosto de 2022, a fim de aprofundar conhecimentos sobre a realidade da agricultura familiar na região serrana; (re)conhecer processos históricos-territoriais de esforços para a transição agroecológica nesta região; identificar desafios atuais para a transição agroecológica, levando em consideração os diversos impactos na saúde das populações e; colher e compartilhar elementos que contribuam para a formulação de ações para apoiar a transição agroecológica como estratégia de promoção da saúde em Petrópolis e entorno. Os seminários contribuíram para a compreensão da realidade da agricultura serrana. A produção segue para outros estados e cidades por meio das centrais de abastecimento público, realizada por empresas comercializadoras que compõem o sistema agroalimentar territorial que, na maioria das vezes, embora viabilizem a comercialização, impõem regras que têm afetado a relação autonomia/dependência das/os agricultoras/es e acabam condicionando a uma especialização produtiva, redução da diversidade e grandes volumes de produção, com forte mecanização e indução ao uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos (Palm, 2021).



Dessa forma, o projeto identificou como ação prioritária compreender as distintas realidades de gestão econômica, produtiva e social camponesa, por meio de olhares sistêmicos, a partir do agroecossistema, a fim de contribuir com tecnologias sociais adequadas para contornar as fragilidades e ameaças aos agroecossistemas, e fortalecer ações de combate à fome.

O método de análise econômico-ecológica de Agroecossistemas - LUME - (Petersen, *et al.* 2021) foi adotado para compreender e analisar a sustentabilidade sistêmica de agroecossistemas passíveis de serem afetados por uma diversidade de eventos durante a trajetória familiar, que geram mudanças e inovações estratégicas definidas pela família, a fim de otimizar as potencialidades e contornar as limitações enfrentadas.

Resultados

As vivências foram atravessadas por diferentes realidades enfrentadas nos territórios: a retomada do convívio social, em um contexto ainda de muitas inseguranças trazidas pela Covid-19; tragédias socioambientais decorrentes das fortes chuvas e da vulnerabilização histórica das comunidades diante das desigualdades no acesso ao território; a perda de lideranças locais por diversos adoecimentos; mencionar outras questões desafiadoras...

Fazer as imersões nos territórios e com os territórios guardou, assim, coerência com uma construção enraizada no cotidiano dos sujeitos sociais e que também convidou à abertura para a adequação aos tempos e possibilidades de construção diante do que é vivido por estes mesmos sujeitos, em constante luta por seus direitos.

Em todas as oportunidades, pôde-se promover intercâmbios interculturais, a valorização da história e da cultura local, a geração de renda para quem vive nas comunidades. Um mergulho na realidade dos diversos parceiros institucionais e comunitárias/os envolvidos no Ará para, a partir da escuta, planejar ações sustentadas ao longo do projeto e com reverberações positivas para os territórios enredados na construção.

De maneira geral, as vivências sociotécnicas cumpriram com os objetivos de promover a integração entre as equipes e as comunidades e possibilitaram perceber tanto as potencialidades, mas também os efeitos das ameaças e fragilidades dos agroecossistemas. Para as pesquisadoras e pesquisadores da Embrapa, as interações com realidade das comunidades resultaram em proposições de pesquisa-ação que serão desenvolvidas ao longo da parceria e em permanente diálogo.

Assim, os intercâmbios foram importantes para criar uma identidade, principalmente em relação aos princípios e conceitos agroecológicos, um comprometimento entre os/as envolvidos/as, as instituições, as juventudes, compartilhando, a partir das



singularidades como os enfrentamentos, desafios e potencialidades, os compromissos com a agroecologia e a interação entre conhecimento e saberes.

Referências bibliográficas

PALM, Juliano L. **Processos de transição agroecológica: ecologia de projetos - uma abordagem pragmática, sistêmica e territorial na região serrana fluminense** Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / CPDA, Rio de Janeiro, 2021. 285 p.

PETERSEN, Paulo F. *et al.* **LUME** [livro eletrônico]: **método de análise econômico ecológico de agroecossistemas** - 1. ed. Rio de Janeiro: AS.PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021. 110 p

FIOCRUZ. **Relatório do Encontro: Territórios da Saúde e da Agroecologia**. Rio de Janeiro, 2021. 61 p. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vrXg3VE-aAZQNSwoay4y1AVF9ONLEkeb/view?usp=sharing> Acesso 20 jul. 2023.